

## A imaginação na oração

**Pablo Mamarthée Estrade, sj**

**Conocimiento interno**

Mensajero-Sal Terrae

Colección "Manresa" n. 75 pp 145-150

A **imaginação** é uma atividade humana que ajuda notavelmente no conhecimento de si mesmo, de Deus e da realidade. Inácio sabe da potencialidade criadora desta potencialidade espiritual e cognoscitiva que é a imaginação e se apoia fortemente nela para conhecer qualquer realidade espiritual.

A imaginação permite ao exercitante aproximar-se do mistério que ele quer contemplar, possibilita fazer-se presente a Cristo, ajuda-o no conhecimento do próprio pecado, facilita aproximar-se da eleição, etc.

Inácio não despreza e nem descuida desta capacidade humana e a utiliza sobretudo para que contribua no "conhecimento interno", tanto de si mesmo como de Jesus Cristo.

Historicamente, são muitos os desprezos que a imaginação recebeu em certos ambientes espirituais; suspeitou-se dela por ser algo irreal e foi associada com aspectos fantasiosos ou elementos exclusivamente fantásticos. Para chegar a um conhecimento verdadeiro de Deus, ela não foi valorizada, já que a imaginação, supostamente, produzia imagens subjetivas e distorcidas, ou seja, falsas, que obstaculizavam as ideias e, portanto, foi considerada como descontrolada e imprudente.

A tradição espiritual excessivamente intelectualista e abstrata não olhou com bons olhos tudo o que se refere à **imagem sensível** dentro da oração, pois ela foi vista como obstáculo para encontrar a Deus.

A desconfiança com respeito à imaginação na oração se deve também a que ela pode ser um fator de distração, um perigo de ilusão e superficialidade. Esta tradição prefere, então, uma oração que deixe fora a imagem subjetiva, o emprego dos sentidos e tudo aquilo que possa apagar a realidade de Deus.

Existiu e ainda persiste uma certa tendência a considerar que a imaginação não produz nada bom, já que as representações da imaginação são pura irrealidade. Mas esta é uma tendência que pode cair na desatenção de aspectos muito realistas da imaginação. Porque quando se considera que a imaginação é irrealidade, mera ilusão e fantasia, está se descuidando da capacidade que ela tem de nos fazer aproximar do centro de nossa consciência. Estar-se-ia ignorando também o potencial que ela tem para manifestar as atitudes profundas do sujeito espiritual e a capacidade que oferece para movê-lo internamente.

Dadas estas suspeitas, desprezos e mal-entendidos com respeito à **imaginação**, é pertinente começar dife-renciando-a da **fantasia**, já que esta, sim, adquire conotações negativas dentro da espiritualidade e acarreta alguns perigos. Se refletirmos cuidadosamente, encontramos alguns matizes que nos podem ajudar em sua diferenciação e compreensão.

A **imaginação** é a re-criação mental de imagens reais e de maneira ordenada. Para conformar tal re-criação ela sempre parte da realidade; por isso, é bastante objetiva e razoável e mantém um contato com os fatos; se assim não fosse, passaria a ser uma fantasia.

Por outro lado, a imaginação é um processo consciente e voluntário – embora no mesmo se projetam conteúdos inconscientes – com o qual, quem imagina, dá solução às suas necessidades, desejos ou preferências próprias.

Também com a imaginação a pessoa pode antecipar possíveis fatos futuros; daí que a imaginação leve o ser humano não só à criatividade, mas também à inovação e à transformação.

**Fantasiar**, por outro lado, é uma projeção mental de acontecimentos e imagens irreais sem ordem alguma. É como um sonhar desperto, onde há grande divagação e muita subjetividade. As fantasias não estão baseadas em fatos reais e podem levar à ficção (termo que procede do latim "fictus": fingido, inventado).

Também pode ser entendida como deformação da visão, que consiste em ver objetos que não existem.

Fantasiar é a arte de criar ilusões ou dar vida à irrealidade. Associa-se também com o desvairar e o delirar.

As fantasias perdem, deste modo, toda carga criativa e positiva, permanecendo numa fábula lúdica, geralmente distrativa e à disposição dos impulsos imprevistos do sujeito.

Feita esta distinção entre imaginação e fantasia, podemos entender muito bem, agora sim, como a **imaginação** é uma potencialidade humana positiva e criativa; por isso, sempre existiram correntes e mestres espirituais que a defenderam. Apoiando-se no mistério da Encarnação de Jesus Cristo, no qual

Deus oferece uma figuração concreta, estes mestres consideraram favorável a imagem e sempre a valorizaram.

O emprego da **imagem** na oração passa então a ser um caminho perfeitamente válido para o encontro com Deus. Recordemos que Cristo é “*a imagem do Deus invisível*” (Col 1,15).

S. Inácio é um destes autores espirituais que privilegia o concreto e o sensível; portanto, a imaginação é proposta por ele como uma opção clara na hora de conhecer as verdades espirituais dentro de seus Exercícios.

O Pe. Kolvenbach, no IX Curso Inaciano sobre “Imagens e imaginação nos Exercícios” (1986), insiste também na importância da imaginação e do simbólico na vida de Inácio e na espiritualidade inaciana. Afirma que, em um mundo ameaçado pelo contínuo bombardeio de imagens publicitárias e dos meios de comunicação social, com perigo de atrofia da própria imaginação interna, torna-se indispensável recuperar o papel específico da imaginação como lugar onde se elabora nossa **sensibilidade** mais profunda e se projeta o inconsciente pessoal. Nos diz que não podemos esquecer a complexa realidade imaginário-afetiva quando tratamos de suscitar em nós ou nos exercitantes o sentimento de presença, na qual tem grande parte a imaginação, para acolher em nós a ação de Deus.

A **imaginação** é uma força poderosa e complexa: torna presente o que está ausente. A imaginação permitirá ao exercitante, “*como se estivesse lá presente*” (EE 114), contemplar as cenas da vida de Cristo.

Isso nos permite afirmar que a imaginação e as imagens sensíveis são uma parte fundamental dentro da oração. O fato de que Deus se encarnou em um corpo sensível e descritível, sua representação sensível, através da imaginação, tem um valor indispensável dentro da oração cristã.

Por outro lado, na oração, como um processo humano, entram em jogo todas as forças mais importantes do ser humano. Por isso, a oração dificilmente seria uma atitude plenamente humana se prescindisse da imaginação. Ficaríamos com uma oração desencarnada, fria e esquemática, muito distante desse encontro pessoal, íntimo e vivencial que Inácio pretende oferecer com seus Exercícios.

O uso de operações imaginativas dentro da oração permitirá, sem dúvida nenhuma, que a graça encontre uma excelente disposição humana em sua ação de inspirar ao orante novos e verdadeiros caminhos de transformação.

A **imaginação** está presente nas quatro Semanas dos Exercícios, ou seja, as operações imaginativas fazem parte de muitos dos exercícios propostos por Inácio.

Assim, a imaginação tem um lugar importantíssimo dentro da “**composição vendo o lugar**”, proposta como preâmbulo de cada meditação e de cada contemplação.

Também a imaginação é mobilizada para “conhecer o pecado” na primeira semana; sobretudo, está presente no corpo das contemplações da segunda, terceira e quarta semanas, nas quais o exercitante é convidado a ver as pessoas da cena bíblica, considerá-las com a imaginação, ouvi-las, observá-las e também fazer-se imaginativamente presente em tal cena evangélica contemplada.

Outro momento no qual encontramos uma grande presença da imaginação é na “**aplicação dos sentidos**”, na qual o exercitante é convidado a desatar todas as suas capacidades imaginativas referente aos seus sentidos.

Finalmente, é preciso dizer também que em alguns documentos dos Exercícios se sugere o uso desta faculdade, porquanto também neles se recorre a algumas imagens. Por exemplo, nas Regras para ordenar-se no comer, nas Notas sobre escrúpulos e nas Regras para sentir com a Igreja.

Certamente ficamos assombrados com o protagonismo que esta potencialidade apresenta dentro da oração inaciana e de quanto o exercitante é chamado a ativá-la e desenvolvê-la.